

A festa das palavras

Uma celebração de dez anos do Sindicato de Poesia

Francesca Rayner

>
 Recital *Terra sem vida*,
 Estaleiro Cultural
 Velha-a-Branca,
 Setembro de 2005
 (Manuela Martínez,
 Marta Catarino,
 Sofia Saldanha e
 Vânia Gonçalves),
 fot. Luis Tarroso.



Título: O Sindicato de Poesia Convoca. Performers: Luis Barroso, Marta Catarino, Susana Cerqueira, Fernando Coelho, António Durães, Vânia Gonçalves, Ana Gabriela Macedo, Gaspar Machado, Eduardo Jorge Madureira, Manuela Martínez, Paulo Pereira, Sofia Saldanha. *Local e data da estreia:* Estaleiro Cultural Velha-a-Branca, Braga, Maio de 2005.

Entre Maio e Setembro deste ano, o Sindicato de Poesia apresentou quatro encontros ao fim da tarde para celebrar os seus dez anos de actividade. Sob o lema "O Sindicato de Poesia Convoca", retomou, assim, o espírito das sessões *Para fugir aos estudos* (1996) que há dez anos preenchiam os finais de tarde no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, em Braga, e foi graças a uma gralha jornalística que passaram a adoptar o seu nome.

Cartografias locais (1996–2005)

Embora cada vez mais pertinentes, questões como o que é a cultura, quem faz a cultura e para quem, são hoje cada vez menos discutidas. Homenagens, comemorações e festivais não encorajam o questionamento das figuras e textos que celebram, antes promovem uma aceitação acrítica de uma cultura desligada da experiência colectiva. Ao nível local, o problema agrava-se: a maior parte da oferta cultural é concentrada em Lisboa e Porto e as políticas culturais de muitas autarquias são populistas e confusas, se é que existem sequer.

Contudo, têm surgido experiências culturais significativas fora de Lisboa e do Porto. É o caso, por exemplo, do Sindicato de Poesia em Braga. Este grupo de amigos, que inclui professores, actores, poetas e jornalistas, amadores no verdadeiro sentido da palavra, decidiu em 1996 levar o seu amor pela poesia à rua. Tratava-se, sem dúvida, de uma proposta inovadora numa altura em que eram sobretudo indivíduos e não grupos que diziam poesia publicamente. Houve no início um certo cepticismo em relação ao projecto lançado pelo actor António Fonseca, como relembra Ana Gabriela Macedo, professora universitária: "As pessoas limitavam-se a dizer, em Braga não acontece nada, as pessoas não gostam de ir ao teatro, as pessoas não gostam de ir a nada. Só gostam de estar no café"¹. Todavia, as sessões de poesia *Para fugir aos estudos* atraíram logo uma assistência muito heterogénea em termos de idade, classe social e género. Nas muitas sessões que se seguiram a assistência continuou a crescer, especialmente entre os jovens, muitos dos quais chegaram também a participar nas sessões.

¹ Entrevista pessoal, (7/6/2005)

Com o Teatro Circo em obras há já vários anos, a oferta cultural na cidade tem sido escassa e de qualidade duvidosa. Como frisou o actor António Durães, as consequências foram que "muitas propostas europeias de teatro ou música passaram simplesmente ao lado de Braga". No seu texto de apresentação em 1996, o Sindicato assinalou então as suas divergências relativamente à oferta cultural existente, insistindo que "a arte deve ser pública, polémica e frágil, como as pessoas"³. Esta divergência nota-se sobretudo no repertório vanguardista e híbrido do Sindicato. A poesia portuguesa tem predominado (Alberto Pimenta, Al Berto), mas tem também havido poesia estrangeira (William Burroughs, André Breton), excertos de textos em prosa (Peter Brook, Antonin Artaud), e *A caridade* (1999), uma selecção de textos do dramaturgo Heiner Müller inserida no ciclo "Malditos do século: pecados e virtudes". Este repertório é igualmente irreverente em relação à cultura religiosa da cidade, uma cultura poucas vezes contestada (como foi a referência polémica, por exemplo, às "nádegas brutais do arcebispo de Braga", num texto de Guerra Junqueiro, na noite da *Poesia erótica e satírica*).

Não é por acaso que esta contestação cultural surge associada à adopção de técnicas performativas pelo grupo, pois a natureza híbrida da *performance* posiciona-a invariavelmente à margem da cultura dominante. Desde o início houve uma vontade no Sindicato de transformar o modelo tradicional de recital de poesia para incorporar elementos performativos, pelas razões que Ana Gabriela Macedo indica: "Há uma diferença entre a poesia lida em casa e lida por um grupo, as pessoas têm de interagir: a *performance* é um acto colectivo"⁴. O texto de apresentação do grupo prometia um "recital 'dramático-poético' a ser apresentado ao público" e os jornais locais falavam em "espectáculo teatralizado" ou em "recital performático". Isto não implica que as performances fossem espectáculos em si (embora algumas o fossem), mas antes que eram utilizadas técnicas performativas para tornar os textos mais apelativos, para comunicar com o público e para o próprio divertimento dos participantes. Neste processo foi fundamental a presença no grupo de dois actores, António Fonseca e António Durães, como também de outras figuras do mundo do espectáculo como Sandra Faleiro, Luís Assis, e Marcantonio del Carlo como encenadores convidados.

Nem 8 nem 18/Viva o Maio de 68!

Em comparação com algumas *performances* mais elaboradas do passado, estes quatro encontros ao fim da tarde no Estaleiro Cultural Velha-a-Branca foram mais simples, uma destilação da experiência acumulada durante os anos. O primeiro foi uma "manifestação" sobre Maio de 68. A "Convocatória" do Sindicato convidou a cidade "a juntar-se a nós, a questionar-nos e a descobrir connosco a poesia e os poetas" e, se a noite comemorava alguma coisa de 68, era "o espírito irreverente e criativo associado

aos eventos de Maio e não a sua mitificação"⁵. Numa aposta arrojada da organizadora, Sofia Saldanha, não foi permitido as pessoas lerem os seus textos antes do dia (embora houvesse pelo menos uma pessoa que, vício da sua profissão, não resistiu a lê-los antes). Os membros do Sindicato, vestidos de T-shirts com *slogans* do tipo "A imaginação ao poder!" ou "É proibido proibir!", sentaram-se numa mesa grande ao ar livre no agradável terraço do Estaleiro e começaram a dizer os "poemas", que incluíram textos diversos como *Excerto de 351 tisanas* de Ana Hatherley, *Para fazer um poema dadaísta* de Tristan Tzara e dois excertos de *Alice no país das maravilhas*. Às vezes diziam um texto individualmente, ou dividiam textos mais longos entre si. A dada altura, alguém interrompeu a leitura de outro: "Será que é assim? Pensei que o fim fosse diferente!", revelando uma cumplicidade e um à-vontade que vem de muitos anos de amizade e de trabalho em conjunto. No fim, convidaram a assistência para também participar e dizer um poema, mas esta não respondeu à provocação e fugiu educadamente para casa.

Homenagem a Eugénio de Andrade: a palavra incorporada

Depois da morte de Eugénio de Andrade, houve homenagens e tributos de figuras conhecidas do mundo das artes e da política, mas raras foram as intervenções públicas de pessoas comuns que simplesmente conheciam e gostavam da sua poesia. O segundo encontro do Sindicato, organizado por Eduardo Jorge Madureira, foi precisamente uma homenagem deste tipo. Dar a conhecer poetas portugueses fazia parte do trabalho do Sindicato desde o início, viajando pelo país através de convites das bibliotecas públicas para dar a conhecer Sophia, Mário Cesariny e muitos outros. No entanto, há certas dificuldades com a dramatização da leitura de poemas de Eugénio de Andrade, nomeadamente pelo facto de serem muito curtos. Como explica António Durães, poemas curtos "não dão tempo para aquecer e ficar na temperatura certa"⁶. A homenagem do Sindicato, que incluiu os poemas *As gaivotas*, *Homenagem a Rimbaud* e *Que fizeste das palavras*, foi também ela curta, o que fez com que a assistência infelizmente também não tivesse tido tempo suficiente para "aquecer". No entanto, o ambiente da Velha-a-Branca teve aqui o seu papel, pois existe qualquer coisa de absolutamente certo em ouvir os poemas de Eugénio de Andrade ao ar livre, à hora do crepúsculo.

Saberes e sabores: Palavras para fazer crescer água na boca

Com o seu terceiro encontro, ocorrendo simbolicamente em finais de Julho, o Sindicato fez da antecipação das férias um evento cultural. Os sentidos têm figurado várias vezes no trabalho do Sindicato (houve mesmo um ciclo intitulado "Cinco sentidos não dizem um poema") e este encontro, organizado por António Durães, explorou o sabor e a sua ligação com a comida. O título *Saberes e*

² Entrevista pessoal, (18/7/2005)

³ Texto de apresentação do Sindicato de Poesia.

⁴ Entrevista pessoal, (7/6/2005)

⁵ Texto de apresentação do encontro.

⁶ Entrevista pessoal, (18/7/2005)

Recital *Saberes e sabores*,
Estaleiro Cultural
Velha-a-Branca,
Julho de 2005
(Sofia Saldanha,
António Durães,
Susana Cerqueira,
Pedro Pereira,
Luís Barroso,
Marta Catarino, Ana
Gabriela Macedo e
Gaspar Machado),
fot. Luís Tarroso.



sabores é já por si sedutor, e revelador da vontade de criar uma ceia tanto cerebral como sensual que incluiu "suaves bocalizos" como *VAT 69* de Ruy Belo, *Aromáticas* de Jorge de Sousa Braga e *A bela acordada* de Adília Lopes. Os títulos dos poemas foram impressos num "Menu do dia". Também à semelhança de outros espectáculos como *A luz irrompe em lugares estranhos*, que uniu a voz falada à voz cantada de um grupo coral, este encontro intercalou um poema cantado em fado e música de guitarra entre os textos. No meio de performers fardados de empregados e empregadas de mesa, havia uma bailarina ajoelhada, da qual foram sendo tiradas várias máscaras ao longo da performance, associando a antecipação das férias com o despir dos papéis sociais e o (re) encontro com a nudez do ser natural. A ligação com os prazeres do corpo foi reforçada pelos textos *O poeta nu* de Jorge de Sousa Braga e *O acto sexual é para fazer filhos* de Natália Correia.

Esta performance já tinha sido representada em Chaves para uma assistência menos numerosa, ilustrando como o Sindicato tem construído um "repertório" ao longo destes dez anos que pode ser adaptado para vários lugares e assistências diversas. Esta flexibilidade tem sido um dos pontos fortes do grupo, especialmente em tempos de contenção cultural onde os dinheiros são poucos. E pelo entusiasmo da assistência, via-se e ouvia-se que esta antecipação dos prazeres do Verão tinha encontrado eco nos seus próprios desejos pela chegada das férias.

A Terra sem vida/The Waste Land (1922): Um poema a quatro vozes

O poema complexo e apocalíptico de T.S. Eliot pode parecer uma escolha arriscada para uma representação. No entanto, a encenação simples e inteligente desta sessão, organizada por Marta Catarino, fez com que as qualidades sonoras do poema sobressaíssem num ambiente intenso e assustador.

O ritmo do poema é difícil de captar, uma vez que muda constantemente de direcção. Mas embora houvesse de vez em quando uma passagem lida de uma forma mais rápida, as quatro mulheres que partilhavam a leitura do poema introduziram subtilezas e variações à sua dramatização.

Vestidas de branco e sentadas à volta de uma mesa - no centro da qual havia um castiçal, sendo essa a única fonte de luz na sala -, a primeira impressão era de uma sessão de espiritismo, uma realidade que, de resto, o próprio texto evoca. Depois, as quatro vozes chamaram por sua vez as muitas vozes que habitam o poema, desde o andrógino Tirésias até às pessoas comuns do mundo do pós-guerra em ruínas que tentam simplesmente sobreviver. E num contexto como esse, até a natureza parece ser inimiga das pessoas, tendo sido essa uma das imagens magnificamente transmitidas por uma gravação do som da água a cair, tornando todo o espaço ainda mais ameaçador.

Num ambiente de grande intensidade, um movimento ou uma mudança de ritmo assume uma grande importância. Assim, cada vez que as performers mudavam de lugar, aproximavam ou distanciavam as cadeiras, pousavam as cabeças na mesa, ou quando a voz ao vivo deu lugar à voz gravada, o efeito foi de uma espiral, gradualmente ganhando mais força e mais emoção. Esta sessão intimista, contrastando com o humor, irreverência e beleza de sessões anteriores, mostrou a grande versatilidade do Sindicato nas suas opções performativas e poéticas. O que, esperamos, venha a ser mais conhecido através da gravação de um CD que o Sindicato está neste momento a preparar.

Os meus agradecimentos a Ana Gabriela Macedo, António Durães e Henrique Barreto Nunes pela sua disponibilidade.